

# Território Lovecraft



# Território Lovecraft

Matt Ruff

Tradução de Thaís Paiva



Copyright © 2016 by Matt Ruff  
Direitos de tradução para o português acordados com Melanie Jackson Agency, LLC.

TÍTULO ORIGINAL  
Lovecraft Country

PREPARAÇÃO  
Ilana Goldfeld

REVISÃO  
Marcela de Oliveira  
Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA E ILUSTRAÇÃO  
Jarrod Taylor

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R864t

Ruff, Matt, 1965-  
Território lovecraft / Matt Ruff ; tradução Thais Paiva. - 1. ed.  
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.  
352 p. ; 23 cm.

Tradução de: Lovecraft county  
ISBN 978-85-510-0619-1  
ISBN 978-85-510-0586-6 [ci]

1. Romance americano. I. Paiva, Thais. II. Título.

19-60788

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2020]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Harold e Rita*



# TERRITÓRIO LOVECRAFT



QUILÔMETRO DE JIM CROW — Unidade de medida, exclusiva aos motoristas negros, composta tanto de distância física quanto de quantidades variáveis de medo, paranoia, frustração e indignação. Sua natureza amorfa torna impossível calcular com acerto a duração de uma viagem, e sua violência põe constantemente em xeque a saúde e a sanidade dos viajantes.

— Guia de viagem do negro precavido, *edição do verão de 1954*

**A**tticus já estava quase em casa quando foi parado na rodovia pelo oficial da polícia estadual.

Tinha partido de Jacksonville dois dias antes, dirigindo o Cadillac Coupe 48 de segunda mão que comprara com o que restara do soldo do Exército. No primeiro dia, percorreu mais de setecentos quilômetros, comendo e bebendo o que havia em uma cesta que ele deixara pronta de antemão, e parou apenas para abastecer. Em um dos postos de gasolina, o banheiro para negros estava quebrado e, quando o atendente se recusou a dar a chave do banheiro dos brancos, Atticus foi forçado a urinar nos arbustos atrás do estabelecimento.

Passou a noite em Chattanooga. O *Guia de viagem do negro precavido* trazia como opção quatro hotéis e uma pensão, todos na mesma parte da cidade. Atticus escolheu a pensão, que era ao lado de uma lanchonete vinte e quatro horas. O quarto custou, conforme prometido pelo *Guia*, três dólares.

Na manhã seguinte, na lanchonete, ele consultou um guia rodoviário. Ainda faltavam quase mil quilômetros para chegar a Chicago. No meio da rota planejada ficava a cidade de Louisville, no Kentucky, onde, de acordo com o *Guia*, haveria um restaurante que aceitaria atendê-lo para o almoço. Atticus

chegara a cogitar ir lá, mas qualquer propensão a adiar ainda mais sua volta para casa foi solapada pelo desejo de deixar logo o Sul do país, de modo que, assim que terminou o café da manhã, ele pegou a cesta no carro e pediu ao cozinheiro para enchê-la de sanduíches, Cocas e frango frito frio.

Por volta de uma da tarde, chegou ao rio Ohio, que demarcava a fronteira entre Kentucky e Indiana. Enquanto cruzava sua ponte, que homenageava um escravagista morto, Atticus botou o braço para fora da janela e se despediu de Jim Crow mostrando o dedo do meio. Um motorista branco que seguia no sentido contrário viu o gesto e gritou algo repugnante, mas Atticus só gargalhou e pisou fundo, entrando, assim, no Norte do país.

Uma hora depois, enquanto percorria um longo trecho de plantação, um dos pneus do Cadillac furou. Atticus conduziu com dificuldade o carro até um ponto seguro do acostamento e saiu para trocar, mas o estepe também estava vazio. Ficou frustrado ao descobrir isso — ele checara o reserva antes de partir, e parecera estar tudo certo —, mas, por mais que Atticus olhasse torto para o estepe, ele estava decidido a continuar murcho. “Era um pneu sulista”, pensou Atticus: a vingança de Jim Crow.

Atrás dele havia uns quinze quilômetros só de plantação e bosque, mas na estrada à sua frente já dava para ver, talvez a uns três quilômetros, um aglomerado de construções. Levando consigo o *Guia de viagem do negro precavido*, ele começou a andar. A estrada estava movimentada e, no início, ele tentou acenar para os carros que se aproximavam, mas os motoristas ou ignoravam Atticus ou aceleravam para passar logo por ele. No fim das contas, acabou desistindo, concentrando-se apenas em continuar pondo um pé diante do outro.

Chegou à primeira construção, cuja placa dizia OFICINA MECÂNICA JANSEN, e Atticus pensou estar com sorte — até ver a bandeira confederada erguida sobre a entrada da garagem. Isso quase bastou para que ele seguisse pela estrada, mas acabou decidindo arriscar.

No interior da oficina, havia dois homens brancos: um camarada baixinho de bigode ralo em uma banquetta lendo uma revista, e outro bem maior, debruçado sobre o capô aberto de uma caminhonete. Quando Atticus entrou, o baixinho ergueu os olhos da revista e sibilou de forma grosseira, sugando o ar por entre os dentes.

— Com licença — disse Atticus.

Isso atraiu a atenção do grandalhão. Ele se empertigou, virando-se, e Atticus viu no seu antebraço uma tatuagem que parecia uma cabeça de lobo.



— Desculpe incomodar — continuou —, mas eu tive um problema na estrada e preciso comprar um pneu.

O grandão o olhou com hostilidade durante um instante e depois sentenciou:

— Não.

— Já percebi que vocês estão ocupados — argumentou Atticus, como se aquele pudesse ser o problema. — Não estou pedindo que troquem o pneu para mim. É só me vender que eu mesmo...

— Não.

— Não estou entendendo. Vocês não querem o meu dinheiro? Não precisam *fazer* nada, só...

— Não. — O grandalhão cruzou os braços. — Está querendo que eu repita mais cinquenta vezes? Porque eu posso muito bem fazer isso.

Soltando fogo pelas ventas, Atticus disse:

— É um lebréu irlandês na sua tatuagem, né? Vigésimo Sétimo Regimento de Infantaria? — Ele mostrou o broche na própria lapela. — Eu fui do 24º. Percorremos boa parte da Coreia lutando junto ao 27º.

— Não fui à Coreia. Lutei em Guadalcanal e Luzon. E lá não tinha nenhum crioulo.

Com isso, ele voltou a se enfiar sob o capô da caminhonete. O gesto ostensivo de dar as costas era, ao mesmo tempo, uma dispensa e um desafio, e coube a Atticus escolher como iria interpretá-lo. Depois de todas as experiências humilhantes que sofrera na Flórida ao longo dos meses anteriores, Atticus chegou mais perto do que gostaria de perder a calma. O homenzinho na banquetta ainda o encarava, e se ele tivesse soltado um pio ou aberto um sorrisinho sequer, Atticus teria distribuído socos. No entanto, o homem não sorriu nem falou nada, talvez presentindo a rapidez com que perderia os dentes — mesmo contando com a proteção do grandalhão —, e Atticus foi embora, pisando forte e com os punhos cerrados.

Do outro lado da rua havia um empório com um telefone público na varanda da frente. Atticus olhou no *Guia* e encontrou uma oficina administrada por negros em Indianápolis, a uns oitenta quilômetros dali. Ligou para lá e explicou sua situação difícil ao mecânico que atendeu. Este se mostrou solidário e disse que ia ajudar, mas avisou que demoraria um bocado.

— Tudo bem — disse Atticus. — Vou estar aqui.

Ele desligou e percebeu que, lá de dentro do empório, uma senhora o vigiava pelo mosquiteiro. Mais uma vez, decidiu dar meia-volta e se afastar.

Voltou para o carro. No porta-malas, ao lado do estepe inútil, havia uma caixa de papelão cheia de livros maltratados. Atticus escolheu uma edição de *As crônicas marcianas*, de Ray Bradbury. Sentou-se no Cadillac e ficou lendo sobre o “verão do foguete” de 1999, quando as neves do inverno foram derretidas pela combustão dos motores de uma nave espacial lançada rumo a Marte. Ficou imaginando como seria se ele estivesse a bordo, ganhando os céus em um jato de fogo, abandonando para sempre tanto Norte quanto Sul.

Quatro horas se passaram. Ele leu *As crônicas marcianas* inteiro. Bebeu Coca quente e comeu um sanduíche, mas, ciente do olhar dos motoristas que passavam, nem tocou no frango frito. Suava em bicas com o calor estagnado do verão. Quando não deu mais para continuar ignorando a bexiga, esperou uma trégua no trânsito e se aliviou atrás de um sicômoro na beira da estrada.

Já passava das sete da noite quando o reboque chegou. O motorista, um negro de pele clara e cabelos grisalhos, apresentou-se como Earl Maybree.

— Só Earl, só Earl — insistiu ele, quando Atticus tentou chamá-lo de “sr. Maybree”.

Earl pegou o estepe na parte de trás do reboque e disse:

— Vamos trocar logo esse pneu para você seguir viagem.

Com os dois trabalhando juntos, a tarefa levou menos de dez minutos. A simplicidade da coisa, somada à tarde desperdiçada a troco de nada, deixou Atticus soltando fogo pelas ventas mais uma vez. Ele se afastou um pouco do carro para se recompor, fingindo estudar o horizonte, onde, àquela altura, o sol já se punha.

— Pretende continuar dirigindo até onde? — perguntou Earl.

— Chicago.

Earl ergueu a sobrancelha.

— Ainda hoje?

— Bem... esse era o plano.

— Faz o seguinte, eu estou encerrando meu expediente por hoje. Venha comigo para a minha casa, faça uma refeição de verdade preparada pela minha esposa, que tal? Descanse um pouco...

— Obrigado, senhor, mas eu não quero incomodar.

— Bobagem. É caminho. E não quero que você saia de Indiana achando que por aqui não tem ninguém que preste.

Earl morava no distrito negro perto da avenida Indiana, a noroeste do capitólio estadual. Sua casa de dois andares era uma construção estreita de

madeira, com um gramado minúsculo na frente. Quando chegaram, o sol já havia se posto e nuvens estavam sendo varridas do norte, fazendo a escuridão chegar mais rápido. Uma partida de taco estava em andamento na rua, mas naquele exato momento as mãos dos jogadores começaram a chamá-los para entrar.

Earl e Atticus também entraram. A esposa do mecânico, Mavis, recebeu o visitante com simpatia, mostrando onde ele poderia lavar as mãos. Apesar das sinceras boas-vindas, Atticus ficou apreensivo ao se sentar à mesa, pois não queria conversar sobre os assuntos mais comuns durante um jantar — o tempo em que servira na Coreia; sua estadia em Jacksonville; os eventos daquele dia; e, acima de tudo, seu pai em Chicago. No entanto, depois da oração, Earl o surpreendeu ao perguntar o que ele achava de *As crônicas marcianas*.

— Vi o exemplar no seu carro.

Então eles conversaram sobre Ray Bradbury, e Robert Heinlein, e Isaac Asimov, de quem Earl gostava; e L. Ron Hubbard, de quem não gostava; e da série do Tom Swift, que Earl amava quando criança e que, agora, adulto, o deixava constrangido, tanto pela forma como os negros eram retratados na obra quanto por ele não ter se dado conta disso quando era garoto, apesar de o pai ter apontado essa característica muitas e muitas vezes.

— Sei, meu pai também tinha dificuldade de aceitar o meu gosto quando o assunto era livros — comentou Atticus.

Mavis não falou muito durante o jantar, parecia contente em ouvir e em encher o prato de Atticus sempre que este corria o risco de ficar vazio. Quando terminaram a sobremesa, já estava um breu lá fora e a chuva tamborilava na janela da cozinha.

— Bem — disse Mavis, enfim —, você não pode sair dirigindo à noite nessas condições.

Atticus, que já tinha desistido de recusar por educação, deixou-se conduzir para o andar de cima, onde ficava o quarto de hóspedes. Na cômoda, havia uma fotografia de um jovem de uniforme, com uma fita preta amarrada em um dos cantos do porta-retratos.

— Nosso Dennis — disse Mavis; ou, pelo menos, foi isso que Atticus achou ter escutado. Contudo, enquanto fazia a cama com lençóis limpos, ela acrescentou: — Ele morreu na floresta.

Atticus deduziu que ela estava falando das Ardenas.

Ele ficou deitado na cama, com o livro que Earl lhe oferecera: mais Bradbury, uma coletânea de contos chamada *Dark Carnival*. Fora um gesto simpático, mas aquela não era a melhor leitura para a hora de dormir. Depois de ler uma história sobre vampiros fazendo uma reunião de família e outra muito esquisita sobre um homem que teve todo o seu esqueleto removido, Atticus fechou o livro, passou um tempo fitando o selo da Arkham House na lombada e então o deixou de lado. Esticou-se e retirou do bolso da calça a carta que recebera do pai. Lendo-a mais uma vez, pousou o dedo em uma palavra perto do fim da página.

— Arkham — sussurrou.

Parou de chover às três da manhã. Atticus abriu os olhos em meio ao silêncio e, por alguns instantes, ficou sem saber em que terra estava. Vestiu-se no escuro e desceu a escada pé ante pé, na intenção de deixar um bilhete de despedida, mas Earl já estava acordado e fumava um cigarro sentado à mesa da cozinha.

— Ia sair de fininho? — perguntou Earl.

— Sim, senhor. Fico muito grato pela hospitalidade, mas preciso ir.

Earl aquiesceu e, com a mão do cigarro, fez um gestinho para Atticus seguir viagem.

— Agradeça à sra. Maybree por mim, repasse a minha despedida a ela.

Earl fez o gesto outra vez. Atticus entrou no carro e deu a partida, dirigindo pelas ruas escuras e ainda úmidas, sentindo-se como o fantasma em cuja cama ele havia dormido.

Ao primeiro raio de sol, ele já tinha avançado bastante na direção norte. Passou por uma placa que dizia CHICAGO 83KM. O oficial da polícia estadual estava parado no acostamento do outro lado da rodovia. Cinco minutos antes, ele estava cochilando e talvez não tivesse reparado na passagem de Atticus. No entanto, devido à luz rósea da aurora, o policial se endireitou no banco, bocejando e piscando. Assim, viu Atticus passar por ele de carro e ficou alerta no mesmo instante.

Atticus acompanhou pelo retrovisor o carro patrulha dar meia-volta com uma curva bem fechada e entrar na estrada. Ele pegou no porta-luvas o documento do carro e o certificado de transferência de propriedade do veículo, deixando-os no banco do carona junto à habilitação, tudo bem à vista para que, quando fosse pegá-los, não houvesse nenhum mal-entendido. Luzes piscaram no retrovisor, e a sirene policial soou. Atticus encostou o carro, abaixou

o vidro da janela e, conforme aprendera em sua primeira aula de condução, apoiou as duas mãos na parte superior do volante.

O policial não demonstrou nenhuma pressa ao sair do carro, parando para se alongar antes de andar a passos lentos até o Cadillac.

— Esse carro é seu?

— Sim, senhor — respondeu Atticus, e meneou a cabeça na direção dos papéis no banco do carona, sem tirar as mãos do volante.

— Quero ver.

Atticus entregou os documentos.

— Atticus Turner — disse o policial, lendo o nome na habilitação. — Sabe por que parei seu carro?

— Não, senhor — mentiu Atticus.

— Você não estava acima do limite de velocidade. Mas, quando vi sua placa, achei que pudesse estar meio perdido. A Flórida fica para o outro lado.

Atticus apertou o volante com um pouco mais de força.

— Estou indo para Chicago. Senhor.

— Para quê?

— Assunto de família. Meu pai precisa de mim.

— Mas você mora na Flórida?

— Trabalhei em Jacksonville desde que voltei do serviço militar.

O policial bocejou, sem se incomodar em cobrir a boca.

— Trabalhou ou trabalha?

— Como assim, senhor?

— Você vai voltar para a Flórida?

— Não pretendo, não, senhor.

— Não pretende. Então você vai ficar em Chicago?

— Durante um tempo, sim.

— Quanto tempo?

— Não sei. Enquanto meu pai precisar de mim.

— E depois?

— Não sei. Ainda não decidi.

— Ainda não decidi. — O policial franziu o cenho. — Mas aqui você está só de passagem. Certo?

— Sim, senhor — disse Atticus, resistindo à tentação de acrescentar “se você me deixar passar”.

Ainda franzindo o cenho, o policial empurrou os documentos de qualquer jeito pela janela. Atticus colocou-os de volta no banco do carona.

— O que tem aí embaixo? — perguntou o policial em seguida, apontando para a cesta no chão.

— As sobras do meu almoço de ontem.

— E lá atrás? Tem algo no porta-malas?

— Só roupas — respondeu Atticus. — Meu uniforme do Exército. Alguns livros.

— Que tipo de livro?

— No geral, ficção científica.

— Ficção *científica*? E este carro é seu?

— Senhor policial...

— Saia do carro.

O policial deu uns passos para trás, pousando a mão na coronha do revólver. Atticus saiu do veículo bem devagar. De pé, ele era uns dois centímetros mais alto que o policial; para compensar tal impertinência, o homem o girou com grosseria, imprensando-o contra o Cadillac e revistando-o de forma agressiva.

— Muito bem — disse o policial. — Abra o porta-malas.

O homem mexeu de qualquer jeito nas roupas de Atticus, revistando as laterais da mala de mão como se o objeto também fosse um homem negro imprensado contra um carro. Então, concentrou-se nos livros, espalhando todo o conteúdo da caixa pelo porta-malas. Atticus tentou não se importar, dizendo a si mesmo que as edições baratas foram feitas para serem maltratadas mesmo, mas foi difícil — era como se estivesse vendo seus amigos serem surrados.

— O que é isso?

O policial pegou um objeto embrulhado para presente no fundo da caixa.

— Outro livro — respondeu Atticus. — Um presente para o meu tio.

O agente rasgou o embrulho, revelando uma edição em capa dura.

— *Uma princesa de Marte*. — Ele olhou de soslaio para Atticus. — Então quer dizer que seu tio gosta de princesas, é?

Ele atirou o livro de volta na caixa, e Atticus morreu um pouquinho por dentro ao ver que o exemplar caiu aberto, amassando as páginas.

O policial contornou o Cadillac. Quando abriu a porta do carona, Atticus pensou que ele fosse pegar *As crônicas marcianas*, que ainda estava em algum lugar na parte da frente do carro. No entanto, o que o homem pegou foi o

*Guia de viagem do negro precavido*. Folheou o volume, primeiro intrigado, depois impressionado.

— Esses endereços aqui... Aqui só tem lugares que atendem negros?

Atticus assentiu.

— Bem, e eu que achava que já tinha visto de tudo nessa vida... — Ele franziu o cenho, olhando para a lombada. — É meio fininho, não é mesmo?

Atticus nem respondeu.

— Tudo bem — disse o policial, por fim. — Vou liberar você. Mas vou ficar com este guia aqui... Não se preocupe — acrescentou ele, antecipando-se à objeção que Atticus era ajuizado demais para fazer —, não vai precisar mais dele. Você falou que está indo para Chicago, não é? Pois bem. Você não vai querer parar em lugar *nenhum* até chegar lá. Entendido?

Atticus entendeu.

**A** sede da Agência de Viagens do Negro Precavido (proprietário: George Berry) ficava em Washington Park, na área de South Side em Chicago. Atticus estacionou na frente da loja maçônica ao lado da agência e ficou ali, sentado, observando os pedestres e motoristas que madrugaram. Não se via entre eles um único rosto branco. Em Jacksonville também havia ruas em que raramente se avistava uma pessoa branca, mas aquela rua, aquele bairro, era o lar de Atticus — e já havia sido, tempos antes, seu mundo inteiro —, e era o que mais o reconfortava no mundo, exceto pela voz de sua mãe. Ele começou a relaxar, o nó de tensão em seu estômago se afrouxando aos poucos, e concluiu que o policial estava certo: ali, ele já não precisava de nenhum guia.

A agência ainda estava fechada àquela hora, mas dava para ver uma luz acesa no apartamento do segundo andar. Em vez de tocar o interfone, ele virou a esquina e entrou no beco dos fundos, subiu a escada de incêndio e bateu à porta da cozinha. Lá de dentro veio o som de uma cadeira arrastando no chão e do trinco da porta se abrindo. Por uma fresta, o rosto de tio George espiou com desconfiança. Contudo, assim que reconheceu quem estava ali, ele gritou “Olá!” e escancarou a porta, puxando Atticus para um abraço forte.

— Olá para você também — respondeu Atticus, rindo e abraçando-o.

— Nossa, como é bom ver você! — Dando um passo para trás, George segurou Atticus pelos ombros e o olhou de cima a baixo. — Quando você voltou?

— Cheguei agorinha mesmo.

— Venha, entre.

Ao adentrar a cozinha, Atticus foi tomado pela impressão de estar em uma casa maluca de parque de diversões, sensação que também experimentara durante a única outra visita que fizera desde que entrara para as Forças Armadas. Embora tivesse parado de crescer (pouco) antes de se alistar, suas lembranças mais intensas daquele lugar eram de quando ele era uma pessoa muito menor, então parecia que a cozinha tinha encolhido. Quando George fechou a porta e se virou para abraçá-lo mais uma vez, Atticus percebeu que o tio também encolhera, embora, no caso dele, isso só significasse que eles estavam com a mesma altura.

— Tia Hippolyta está em casa? — perguntou Atticus, curioso para medi-la também.

— Não. Ela está no Wyoming. Abriram um spa novo perto de Yellowstone, e, acredite se quiser, os donos são quaker. Supostamente é permitida a entrada de todos. Ela foi lá conferir.

Logo no início do casamento, Hippolyta se voluntariara para testar novos lugares para inserir no *Guia de viagem do negro precavido*, especializando-se em destinos de férias. No início, ela e George iam juntos, mas nos últimos tempos era mais comum ela ir sozinha, enquanto o marido ficava cuidando do filho do casal.

— Ela vai passar no mínimo uma semana fora — continuou ele. — Mas sei que Horace vai ficar feliz em ver você, assim que acordar.

— Horace ainda está dormindo? — perguntou Atticus, surpreso. — Já começaram as férias escolares?

— Não, ainda não, mas hoje é sábado — respondeu George. Rindo da reação de Atticus à notícia, continuou: — Acho que não preciso nem perguntar como foi a viagem.

— Não mesmo. — Ele estendeu para o tio o livro que trouxera do carro como quem carregava um passarinho ferido. — Toma.

— O que é isso... Ah, sr. Burroughs!

— Uma lembrancinha do Japão. Existia uma livraria perto da base em Gifu, e o cara tinha uma única estante de livros em inglês, a maioria ficção científica... Achei que esta poderia ser uma primeira edição, mas agora acho que é só velha mesmo.

— Viajada — corrigiu George.



O livro se abriu sozinho nas páginas que tinham sido amassadas; Atticus fizera o possível para alisá-las, mas os vincos eram permanentes.

— Hum, estava em melhor estado quando comprei.

— Não, olha, está ótimo. Ainda dá para ler perfeitamente. — George abriu um sorriso. — Venha, vamos arranjar um lugar de honra para guardar este livro.

Rumou para o quarto que ele e Hippolyta dividiam com seus melhores livros.

Atticus o seguiu por parte do caminho, detendo-se à porta do outro quarto do apartamento para olhar o primo. Horace, de doze anos, dormia de barriga para cima e boca aberta, com a respiração ruidosa e difícil. Ao lado do travesseiro, havia um exemplar de *Tom Corbett, Space Cadet* e vários outros espalhados pelo chão.

Na parede oposta à cama havia uma mesinha de cavalete baixa. Nela se encontrava uma cartolina dividida em quadrinhos com cenas de uma aventura intergaláctica: negros vestindo capas, vagando por paisagens dignas de Buck Rogers. Atticus fitou os desenhos ali mesmo de onde estava, na soleira, inclinando a cabeça para tentar entender a trama.

George voltou pelo corredor.

— Ele está ficando muito bom — elogiou Atticus, em voz baixa.

— É, está tentando me convencer a começar um selo de quadrinhos. Eu falei que, se ele economizar bastante do próprio dinheiro, eu talvez inteire para uma tiragem *pequena*... Então, você está com fome? E se eu acordasse o Horace e ligasse para o seu pai, para irmos tomar café da manhã juntos? Já foi ver o Montrose?

— Ainda não. Antes disso, preciso conversar com você sobre uma coisa.

— Está bem. Vá se sentar, fique à vontade, que eu vou fazer um café.

Enquanto George estava ocupado na cozinha, Atticus foi para a saleta de visitas, que, durante sua infância, fazia vezes tanto de biblioteca quanto de sala de leitura. As estantes eram divididas entre dele e dela, sendo que tia Hippolyta gostava mais de ciência e história natural, intercalando um ou outro Jane Austen. George aprovava a literatura mais respeitável, mas reservava sua paixão mais profunda e a maior parte de suas prateleiras para os gêneros *pulp*: ficção científica, fantasia, histórias de mistério e de detetive, terror e lendas bizarras.

Atticus compartilhava da devoção por aqueles gêneros dominados por autores brancos, o que sempre causava atrito entre ele e o pai. Como irmão

mais velho, George era praticamente imune ao desdém de Montrose, e podia muito bem mandar o irmão guardar as opiniões para si mesmo. Atticus não tinha o mesmo privilégio. Quando o pai se dispunha a discutir seu gosto em literatura, não lhe restava escolha além de aturar.

E o que não faltava era motivo para discussão. Edgar Rice Burroughs, por exemplo, proporcionava uma excelente fonte de combustível para críticas, com suas histórias do Tarzan (não precisava nem começar a listar todos os problemas que Montrose via em Tarzan, partindo da própria concepção do personagem), ou a série de Barsoom, cujo protagonista, John Carter, fora capitão do Exército no norte da Virgínia antes de se tornar um senhor da guerra marciano.

— Um oficial confederado? — dizia o pai de Atticus, exasperado. — Este é o herói?

Quando Atticus tentava defender, dizendo que não era tão ruim assim, já que John Carter era, tecnicamente, um ex-confederado, o pai ironizava:

— *Ex-confederado?* E como é que isso funciona, é tipo um ex-nazista? O homem lutou a favor da escravidão! Não dá para deixar esse tipo de coisa para trás!

Montrose poderia tê-lo proibido de ler aquelas coisas e ponto final. Atticus conhecia outros pais que haviam tomado essa providência, que haviam pegado os quadrinhos e as revistas *Amazing Stories* de seus filhos e jogado tudo no lixo. Montrose, por outro lado, com raras exceções, não concordava com o banimento de livros. Sempre insistia que só queria que Atticus pensasse bem a respeito do que estava lendo, em vez de assimilar tudo de maneira leviana — e, para ser sincero, Atticus tinha que admitir que essa era uma postura muito razoável. No entanto, na mesma medida em que era sensato reconhecer as boas intenções do pai, também não se podia ignorar que ele era um homem beligerante que adorava encontrar motivo para pegar no pé do filho.

Tio George também não ajudava muito.

— Não é como se seu pai estivesse errado — dissera ele, um dia, quando Atticus reclamara de Montrose.

— Mas você ama essas histórias! — contestara Atticus. — Tanto quanto eu!

— Amo mesmo — concordara George. — Mas histórias são como pessoas, Atticus. Nós até podemos amá-las, mas não podemos alegar que são perfeitas. Sempre tentamos enaltecer suas virtudes e relevar seus defeitos, mas isso não faz os defeitos desaparecerem.

— Mas você não fica irritado, não como Pop fica.

— É, isso é verdade, eu não fico irritado... Não com as histórias. Ainda assim, às vezes elas me decepcionam. — Ele voltara o olhar para as estantes. — Às vezes, são como uma punhalada no coração.

De pé em frente àquelas mesmas prateleiras, Atticus esticou a mão e pegou um livro do selo Arkham House: *The Outsider and Others*, de H. P. Lovecraft.

Aquele era um autor do qual o próprio Atticus ficava surpreso por gostar. Lovecraft escrevia histórias de terror, o que era mais da preferência de George, enquanto Atticus simpatizava mais com aventuras de final feliz — ou, ao menos, esperançoso. No entanto, um belo dia, ele decidiu de repente dar uma chance a Lovecraft, escolhendo de forma aleatória um conto longo chamado “Nas montanhas da loucura”.

A história envolve uma expedição científica à Antártica em busca de fósseis. Enquanto procuram novos sítios, cientistas descobrem uma cadeia de montanhas com picos mais altos que o Everest. Em um platô na cordilheira, há uma cidade, construída milhões de anos antes por uma raça alienígena chamada Coisas Ancestrais, ou Antigos, que vieram do espaço durante a era pré-Cambriana. Embora os Antigos tenham abandonado a cidade muito tempo antes, seus antigos escravos (monstros protoplasmáticos chamados *shoggoths*) ainda vagam pelos túneis subterrâneos abaixo das ruínas.

— *Shiggoths*? — perguntara o pai de Atticus no dia em que o menino cometeu o erro de comentar o assunto com Montrose.

— *Shoggoths* — corrigira Atticus.

— Aham. E a raça dos mestres, o Klan Ancestral...

— *Coisas Ancestrais*. Antigos.

— Aposto que eles têm pele clara. E que os *shiggoths*, eles são escuros.

— As *Coisas Ancestrais* têm formato de barril. São *alados*.

— Mas são brancos, não é?

— Cinza.

— Mas cinza-claro?

Depois de um pouco mais de provocação no mesmo estilo — e com um adendo mais sério sobre a visão obstinada e equivocada do sr. Lovecraft a respeito da evolução —, Montrose deixou o assunto morrer, ou assim pareceu. No entanto, algumas noites depois, ele trouxera uma surpresa para casa.

Naquela noite, sua mãe tinha saído com uma amiga, e Atticus estava sozinho lendo “O chamado de Cthulhu”, tentando ignorar um gorgolejo esqui-

sito que vinha da pia da cozinha. Na verdade, quando o pai chegou em casa, ele ficou até aliviado.

Montrose abordou o assunto sem rodeios.

— Passei na biblioteca pública depois do trabalho — disse, enquanto pendurava o casaco. — Fiz uma pesquisinha sobre o seu amigo, o sr. Lovecraft.

— É? — respondeu Atticus, sem entusiasmo.

Ele já tinha reconhecido a mistura perversa de raiva e triunfo na voz do pai, e sabia que algo de que gostava estava prestes a ser estragado para sempre.

— Parece que ele também era poeta. Não é nenhum Langston Hughes, mas, mesmo assim, é interessante... Veja.

O volume datilografado que o pai entregou a Atticus era como uma paródia barata dos textos arcanos das histórias de Lovecraft: uma publicação literária amadora, produzida em um mimeógrafo antigo, o miolo encadernado entre duas folhas de papelão manchado. Não havia folha de rosto, mas uma etiqueta na capa revelava sua origem: PROVIDENCE, 1912. Atticus nunca conseguira entender como ele tinha ido parar numa biblioteca pública de Chicago, mas, já que estava lá, não era de causar espanto que seu pai tivesse sido capaz de encontrá-lo. Montrose tinha um faro para coisas do gênero.

Uma ficha catalográfica fazia vezes de marcador de livro. Atticus foi até a página indicada e lá estavam: seis versos de uma poesia cômica de autoria de Howard Phillips Lovecraft.

O título do poema era “Da criação dos crioulos”.

*Às vezes, são como uma punhalada no coração...*

— Reencontrando velhos amigos? — perguntou George, reaparecendo com o café.

— Isso. — Atticus pôs o livro no lugar e aceitou a xícara que George oferecia. — Obrigado.

Eles se sentaram, e Atticus foi engolido por uma onda de exaustão.

— Então, como são as coisas na Flórida?

— Segregadas — respondeu Atticus, pensando, ao pronunciar a palavra, que não era a mais adequada, já que dava para usá-la ao descrever Chicago.

Contudo, George assentiu.

— É, eu desconfiava de que você não fosse gostar do Sul. Apesar disso, não esperava que fosse voltar tão cedo. Achei que aguentaria pelo menos até o fim do verão.

— Eu também. E, na verdade, estava pensando em ir para a Califórnia depois. Mas aí eu recebi isto.

Mostrou a George a carta do pai. O tio reconheceu a letra no envelope no mesmo instante e assentiu de novo.

— Montrose tinha me pedido seu endereço.

— Ele falou para você o que planejava me dizer na carta?

George deu uma gargalhada.

— Está de brincadeira, né? Ele nem mesmo admitiu que *ia* escrever para você. Só me disse que deveria ter seu endereço, “por precaução”. Desde que você foi embora, tem sido assim: ele fica preocupado, quer ter notícias suas, mas Deus o livre admitir isso em voz alta. Então, quando estamos falando de outra coisa, ele solta, como quem não quer nada: “Ah, *aliás*, teve notícias daquele menino?”

— “Aquele menino” — repetiu Atticus, franzindo o nariz.

— Ora, para que dizer o seu nome e correr o risco de parecer que ele se importa contigo? E, veja bem, até que isso é uma evolução. No primeiro ano em que você estava na Coreia, ele nem perguntava nada. Vinha jantar comigo e esperava que eu falasse de você por conta própria. E, se eu não fizesse isso, ele não dizia nada, mas também não ia embora. Ficava aqui até dez, onze horas, meia-noite, tão tarde quanto fosse necessário, esperando que eu mencionasse você. Isso me deixava maluco. — George balançou a cabeça. — Então, o que ele escreveu, afinal?

— Foi sobre a mamãe. Disse que descobriu de onde veio a família dela.

— Então ele ainda está obcecado com isso? Hum.

A mãe de Atticus, Dora, era filha única de mãe solteira. A identidade do pai era um mistério, um tabu. A mãe dela fora deserdada e, por sua vez, quase nunca falava da própria família; por conta disso, Dora sabia muito pouco sobre os avós maternos, com exceção de que moravam no Brooklyn e vinham, originalmente, de algum lugar da Nova Inglaterra.

Montrose, que conhecia cinco gerações de seus antepassados, havia jurado que descobriria mais sobre a ancestralidade de Dora. No início, enquanto estava cortejando a moça, ele pretendia fazer isso como um gesto de amor, mas, na época do nascimento de Atticus, a busca já havia se transformado em algo puramente egoísta, acrescentando mais um item à longa lista de coisas que geravam briga entre o casal.

Atticus se lembrava de, quando criança, estar deitado no quarto e escutá-los discutindo o assunto.

— Como é possível que você não queira saber? — perguntava o pai dele.  
— De onde você vem é parte de quem você é. Como pode permitir que isso seja roubado de você?

— Eu sei aonde o passado leva — retrucava a mãe. — É deprimente. Por que eu iria querer saber mais sobre ele? Conhecer o seu passado deixou *voce* mais feliz?

— Não é uma questão de *ser feliz*. É uma questão de ser completo. Você tem esse direito. Você tem essa obrigação.

— Mas eu não quero. Por favor, deixe isso para lá.

Atticus tinha dezessete anos quando a mãe morreu. No dia do enterro, encontrou o pai remexendo numa caixa das lembranças que Dora guardava. Montrose pegara uma fotografia dos avós de Dora — a única imagem deles que ela possuía — e a tirou do porta-retratos para ler o que estivesse escrito no verso. Em busca de alguma pista.

Atticus arrancou a foto das mãos do pai, que levou um susto.

— Esquece isso! — gritara. — Ela mandou deixar para lá!

Montrose, afastando-se da caixa, se recuperara rápido, com uma fúria que mais que rivalizava com a do filho. Ele batera em Atticus com força suficiente para atirá-lo no chão e então se postara acima do filho, vociferando:

— *Nunca mais* me diga o que fazer. *Nunca mais*.

— Claro que ele ainda está obcecado — disse Atticus, voltando à pergunta de George. — Mas o que eu queria perguntar era... Você falou que Pop te deixava maluco. Você acha que ele finalmente levou a si mesmo à loucura?

Então, leu a carta em voz alta, tendo um pouco de dificuldade com a letra do pai:

— “Sei que, como a sua mãe, você acha que pode perdoar, *esquecer*, o passado. Não é verdade. Isso não é possível. O passado ainda existe, é uma coisa viva. Ele é seu, e você *deve* a ele. Agora descobri uma coisa sobre os... ancestrais de sua mãe. Você tem um legado *secreto* e sagrado, um direito inato que foi escondido de você.”

— Legado? — repetiu George. — Ele está falando de uma herança?

— Ele não chega a falar sobre isso. Mas, seja lá o que for, tem algo a ver com o lugar de onde a família da mamãe supostamente vem. Ele diz que eu preciso ir para casa, para que possamos ir até lá, juntos, e reivindicar o que é meu.

— Bem, isso não parece loucura. Talvez ele esteja se iludindo, mas...

— A parte maluca não é o legado. É a localização. O lugar para onde ele quer que eu vá com ele fica no Território Lovecraft.

George balançou a cabeça, sem entender.

— Arkham — continuou Atticus. — A carta diz que os ancestrais da mãe vieram de Arkham, Massachusetts.

Arkham, lar do reanimador de cadáveres Herbert West, e da Universidade Miskatonic, que financiara a expedição às montanhas da loucura em busca de fósseis.

— É um lugar imaginário, não é? Quer dizer...

— Ah, é sim — disse George. — Lovecraft se inspirou em Salem, creio eu, mas o lugar não existe de verdade... Deixe eu dar uma olhada nessa carta.

Atticus a entregou para George, que a estudou, franzindo o cenho e inclinando a cabeça para o lado.

— É um “d” — afirmou ele, enfim.

— O quê?

— Não é Arkham com “k”, é Ardham com “d”.

Atticus se levantou e fitou a carta, por trás de George.

— Isso aí é um “d”?

— É.

— Não. Talvez um “b”...

— Não, é um “d”. Ardham, com certeza.

— Caramba — disse Atticus, frustrado, dando um suspiro. — Sabe, para alguém que fala tanto sobre a importância da educação, seria de se esperar que ele aprendesse a *escrever* direito.

— Não é culpa dele — retrucou George. — Montrose é disléxico.

Isso era novidade para Atticus.

— Desde quando?

— Desde sempre. Por isso que ele tinha tanta dificuldade na escola. Bem, esse era um dos motivos. Seu avô Turner tinha o mesmo problema.

— Por que eu não sei disso?

— Você está mesmo me perguntando por que Montrose nunca te contou isso? — George gargalhou. — Vou deixar você mesmo responder.

George foi até uma das estantes e pegou um guia rodoviário. Depois de consultar o índice no fim, foi até o mapa de Massachusetts.

— É, aqui está.

Ardham, marcada por um ponto sem preenchimento — o que sinalizava um povoado de até 250 pessoas —, ficava na parte centro-norte do estado, logo abaixo da divisa com Nova Hampshire. Um afluente sem nome do rio Connecticut a circundava, seguindo para o sul; o mapa não mostrava nenhuma estrada dando acesso direto, embora nas imediações uma rodovia estadual cruzasse o afluente.

— Sinto muito — disse George, enquanto Atticus, de cenho franzido, observava o mapa. — Seu pai não está louco. Você devia ter ligado antes de fazer essa longa viagem de carro.

— Não, já estava mais do que na hora de vir para casa. Acho que é melhor ir lá vê-lo. Descobrir o que ele quer dizer com esse “direito inato”.

— Espere aí...

— O que foi?

— Condado de Devon... — falou George, batendo no mapa com o dedo.

— Condado de Devon, em Massachusetts, já ouvi isso em algum lugar... Hum, será? Talvez essa Ardham fique mesmo no Território Lovecraft...

— Como assim?

— Vamos lá embaixo, no escritório. Preciso procurar nos meus arquivos.